

## **Educação no Campo: A Pedagogia da Alternância na Casa de Família Rural de Tancredo Neves-Bahia<sup>1</sup>**

**Claudineia de Jesus Santos, Jaqueline Jesus dos Santos,  
Josias Araújo Barbosa e Rocio Castro Kustner**

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo analisar o sistema educativo da Casa Familiar Rural-CFR de Tancredo Neves-BA, destacando as contribuições da Pedagogia da Alternância para a formação dos jovens do campo. A Casa Familiar Rural foi criada em 2002, dois anos após a fundação da Cooperativa dos Produtores Rurais de Presidente Tancredo Neves (COOPATAN), iniciativa de um grupo de agricultores familiares apoiada pela Fundação Odebrecht. A CFR, espelhada na Pedagogia da Alternância das CFRs oriundas da França, contempla a formação do jovem, alternando escola e comunidade rural. Para a pesquisa, de caráter qualitativo, foram realizadas entrevistas abertas com professor e monitora, além de uma entrevista grupal aplicada aos jovens estudantes. Constatamos a relevância da pedagogia da alternância para a permanência dos jovens no campo e para a diminuição da violência juvenil que tanto assola o Brasil.

### **Palavras-chave**

Agricultura Familiar. Pedagogia da Alternância.. Casa Familiar Rural.

### **Abstract**

The present work aims to analyse the education system of a rural family house - Casa Familiar Rural/CFR - in Tancredo Neves-Bahia, focusing on the contributions of the Pedagogy of the Alternation for rural young people. The CFR was created in 2002, two years after the foundation of the Rural Cooperative of Presidente Tancredo Neves (COOPATAN), by a group of agricultors, assisted by the Odebrecht Institute. A CFR, inspired by the Pedagogy of Alternation of the CFRs from France, aims at rural youth education, alternating time at school and at rural community. The research, mainly qualitative, is based on three open interviews with teachers and monitors, and one group interview with the students. The research shows the relevance of the Pedagogy of the Alternation for the maintaining youngsters in the rural areas and for the reduction of violence in Brazil.

**Keywords** Family Agriculture. Pedagogy of Alternation. Rural Family House - CFR.

## INTRODUÇÃO

A chamada agricultura familiar constituída por pequenos e médios produtores representa a imensa maioria de produtores rurais no Brasil e vem assumindo um papel importantíssimo na geração de emprego e renda, segurança alimentar, preservação ambiental e, conseqüentemente, no desenvolvimento socioeconômico do país. Assim, “o meio rural, sempre visto como fonte de problemas, hoje aparece também como portador de soluções vinculadas à melhoria do emprego e da qualidade de vida” (WANDERLEY, 2001, p. 32) – mas não é assim que é vivido pelas futuras gerações, quando, na realidade atual do campo, muitos jovens ainda sonham em emigrar para os grandes centros urbanos à procura de uma oportunidade melhor para entrarem no mercado de trabalho. Todavia, o fato de não se reconhecerem nas atividades escolares da rede pública – as quais experimentam como algo totalmente fora de seu mundo cotidiano - incentiva a evasão escolar, propiciando os caminhos para a violência e o crime organizado. Sem esses jovens filhos de agricultores familiares não há produção, pois, desde pequenos, foram treinados para herdar as terras, reproduzirem o que lhes foi passado e, assim, darem continuidade à família camponesa (SANTOS; CARDEL, 2011).

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, no Nordeste brasileiro, 89% dos estabelecimentos são da agricultura familiar, sendo a Bahia o estado com maior número de estabelecimentos familiares de todo o país – 15,2% do total. Entretanto, o Recôncavo Baiano continua carente de investimentos e recursos técnicos, visto que o modo de produção ainda é tradicionalmente arcaico em algumas localidades rurais. A mão de obra é desqualificada e o agricultor familiar não é devidamente valorizado (SANTANA, 2016).

Perante esta problemática, e concordando com Leite (*apud* SOUZA, 2012), a preocupação com a escola rural localiza-se na esfera das discussões sobre a fixação do jovem no campo. Nesse aspecto, é relevante o papel educativo das escolas de família agrícola – EFAs, ou casas de família rural – CFR, por assumirem o grande desafio de formar, através da pedagogia da alternância, filhos de agricultores familiares, para que se tornem técnicos agrícolas com capacidade de contribuir tanto na produção quanto na organização social das suas comunidades, permanecendo assim no campo.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o funcionamento da Casa Familiar Rural – CFR na comunidade de Presidente Tancredo Neves-Bahia, com foco nas contribuições da Pedagogia da Alternância para a formação educativa dos jovens no campo. Para a pesquisa, além do levantamento de fontes, foram realizadas três entrevistas abertas com o corpo docente e uma grupal com os jovens estudantes. Esta é uma pesquisa em andamento

cuja continuidade contemplará a observação participante nas comunidades de agricultores familiares dos estudantes.

Dado o papel que ocupa a agricultura familiar no Brasil, analisaremos como a CFR vem transformando a realidade socioeconômica do município e adjacências, sobretudo, valorizando a história e o potencial dos jovens rurais e observando a importância de se ter uma educação diferenciada e com qualidade que possa estimular a permanência dos jovens no campo e evitar o êxodo rural e a delinquência juvenil.

## **A AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL**

Com a chamada industrialização tardia – tardia, porque chegou ao Brasil após 1950 – o trabalho no campo como elemento de desenvolvimento ficou esquecido, criando-se a ilusão de um estado desenvolvimentista, representado pela “ordem e progresso” (lema da bandeira brasileira) nas cidades. Esta ilusão é ainda viva entre tantos trabalhadores rurais que têm incorporado a ideia de que desenvolvimento é indústria, e ainda esperam a chegada de uma fábrica no seu entorno como alavanca de geração de emprego. Todavia, com o processo de industrialização da agricultura, entram em cena os tratores, os fertilizantes químicos, os agrotóxicos e as sementes selecionadas para aumentar a produção e o lucro, fomentando o agronegócio em detrimento da agricultura familiar.

Porém, a realidade é que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 70% dos estabelecimentos agrícolas no país são do tipo familiar e respondem a 75% da produção de alimentos, empregando mais de 80% da força de trabalho ocupada no campo (WANDERLEY, 2001). Abramovay (2007, p. 219) corrobora esta ideia quando afirma que:

O peso da produção familiar na agricultura faz dela um setor único no capitalismo contemporâneo, pois não há atividade econômica em que o trabalho e a gestão estruturam-se tão fortemente em torno de vínculos de parentesco e na qual a mão-de-obra não contratada seja tão importante.

O autor enfatiza o potencial econômico do segmento da agricultura familiar, o qual não precisa de contratação de mão de obra, sendo de importância significativa para a manutenção da sobrevivência das populações rurais e o fornecimento de alimentos e outros produtos para as cidades. Nesta perspectiva, para o sucesso desta atividade, as políticas públicas têm um papel fundamental, principalmente no que se refere aos direcionamentos técnicos e logísticos, com o intento de propiciar um melhor aproveitamento dos recursos, contribuindo para um maior rendimento financeiro familiar e para a qualidade de vida (SANTOS, 2016).

A agricultura familiar é um forte impulsionador da melhoria das condições de vida do homem do campo, mas, na maioria das vezes, fazem-se necessárias políticas de incentivo e assistência a estes agricultores, tanto para se inserirem no mercado quanto para manterem-se nele. É por isso que, na década de 1990, cresce o interesse pela agricultura familiar no Brasil e aparece o conceito de agricultor familiar em substituição ao conceito de “colono”, “trabalhador rural” ou “pequeno agricultor”. Este interesse materializou-se em políticas

públicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, e na criação do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA (PRETTO, 2005). Também, com a aprovação da Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, e da Resolução FNDE nº 38, de 16 de julho de 2009, as escolas das redes públicas de educação passaram a usar produtos da agricultura familiar nas refeições oferecidas aos seus alunos, através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, o qual designa um mínimo do 30% do valor enviado para o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE (SANTOS, 2016).

A implementação destas políticas ilustra como “o desenvolvimento territorial apoia-se, antes de tudo, na formação de uma rede de atores trabalhando para a valorização dos atributos de uma certa região” (ABROMAVAY, 2003, p. 94). A combinação do tecido social com um conjunto de políticas públicas reforça o empreendedorismo individual e coletivo que Abromavay (2003) considera fundamental para a luta contra a pobreza no meio rural e que consideramos imprescindível para o desejo do jovem permanecer no campo. O que fica ainda solto nesse processo é a formação tanto pedagógica quanto profissional dos futuros agricultores familiares. Daí a necessidade de conhecer a pedagogia da alternância praticada nas Escolas de Família Agrícola - EFAs ou Casa de Família Rural - CFR.

## **SURGIMENTO DAS CASAS DE FAMÍLIA RURAL - CFR OU ESCOLAS DE FAMÍLIA AGRÍCOLA - EFAS COM A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA**

Após a I Guerra Mundial, e com o processo de urbanização crescente impulsionado pela Revolução Industrial, os agricultores começaram a serem esquecidos e a dificuldade de sobreviver no meio rural tornava-se cada dia maior. Paralelamente, o mundo estava vivendo uma efervescência de pensamentos liberais, socialistas, nacionalistas e social-cristãos. Nesse contexto, foi que camponeses e padres jesuítas da França, unidos, pensaram num modelo educativo novo que atendesse às necessidades dos jovens, em substituição a uma escola tradicional, cujo ensino não condizia com sua realidade – nesta época já havia na Europa uma grande evasão escolar dos filhos dos camponeses, os quais, sem incentivo para continuar estudando e sem emprego, não viam sentido na educação formal (ANDRADE; ANDRADE, 2012). Este novo modelo foi chamado pedagogia da alternância e teve origem na cidade de Lor-et-Garone, na região sudoeste da França na década de 1930, com a criação da *Maison Familiale Rurale* ou Casa de Família Rural - CFR, muito inspirada no pensamento socialdemocrata cristão da época (PINTO; GERMANI, 2012).

Curiosamente, foram padres jesuítas os que estavam sempre à frente desse modelo educativo e o espalharam pela Itália com o nome de Escolas de Família Agrícola - EFAs. Assim, foi um padre italiano, Humberto Pietrogrande, que, sensibilizado com a situação sociopolítica da região, criou a primeira EFA no Brasil, no município de Anchieta no Espírito Santo, em 1965. O país estava em plena ditadura militar e, durante a década de 70, o meio rural começou a sofrer os efeitos perversos da Revolução Verde: enquanto a produção dos grandes latifundiários era prioridade para o governo, a agricultura de subsistência ficava sem assistência e à mercê da vida; conseqüentemente, sem escolas que atendessem à realidade

dos jovens estudantes da zona rural (PINTO; GERMANI, 2012).

Por volta de 1975, fundou-se a segunda EFA do Brasil, apoiada pelo Padre Aldo Lucchetta, localizada no município de Brotas de Macaúbas - BA. Na década de 80, houve uma ênfase muito significativa na implantação destas escolas em vários estados brasileiros. E, em 1982, a criação da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB) impulsionou o surgimento das EFAs em todo o território nacional, fenômeno relacionado com a efervescência dos movimentos sociais apoiados pelas Comunidades Eclesiais de Base - CEBs e influenciados pela pedagogia do oprimido de Paulo Freire (PINTO; GERMANI, 2012).

Uma das EFAs que se tornou referencial para todo o Brasil foi a Escola Família Agrícola do Sertão - EFASE, em Monte Santo/Canudos-BA, uma escola promissora que buscou um modelo pedagógico que atendesse às reais necessidades das comunidades para a convivência com o semiárido. A EFASE começou com turmas da quinta à oitava série, chegando ao Ensino Médio profissionalizante. Com quinze anos de existência, tornou-se uma instituição de ensino com qualidade, desenvolvendo ações pautadas no princípio da agroecologia e na constante melhoria prático-pedagógica, fatos que têm estimulado positivamente a formação profissional dos jovens (ANDRADE; ANDRADE, 2012).

A Pedagogia da Alternância, ao se preocupar em fazer um levantamento das dificuldades que os alunos vivenciam no seu meio cotidiano como filhos de agricultores familiares e levá-las para a sala de aula com o propósito de procurar soluções, tem sido o elemento-chave de sucesso nas EFAs, assim como de total valia para agricultores familiares e suas comunidades (ANDRADE; ANDRADE, 2012). A pedagogia da alternância contempla tanto a reflexão teórica sobre a desigualdade, a exclusão e a necessidade de valorizar o meio rural quanto a prática (ação), levando a teoria para a transformação social. Para isso, os estudantes ficam quinze dias na escola e quinze dias no campo, aplicando o que aprendem em sala de aula.

O objetivo e desafio da pedagogia da alternância é formar os filhos de agricultores para que se tornem técnicos agrícolas com capacidade de contribuir tanto na produção da agricultura familiar local quanto na organização comunitária, seguindo a dinâmica ensinada por Paulo Freire de ação-reflexão-ação: fazer o estudante não só refletir, mas criar mecanismos de sobrevivência para sua realidade e, ao mesmo tempo, mudá-la (ANDRADE; ANDRADE, 2012). Assim:

A pedagogia da alternância passa a ser entendida como uma metodologia que favorece o acesso e a permanência dos jovens e adultos do campo nos processos escolares, antes dificultada por sua característica seriada e estanque, sem articulação com a realidade e os modos de vida rural (CORDEIRO; REIS, 2011, p. 120).

Segundo Cordeiro e Reis (2011), a pedagogia da alternância tornou-se muito importante e requisitada, no que tange à educação no campo, e se fortaleceu quando a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), no edital nº 2 de 23 de abril de 2008, fez uma chamada pública para projetos, especificando no item 3.2 que:

[...] entende-se por Tempo-Escola os períodos intensivos de formação presencial no campus universitário e, por Tempo-Comunidade, os períodos intensivos de formação presencial nas comunidades camponesas, com realização de práticas pedagógicas orientadas (BRASIL *apud* CORDEIRO; REIS, 2011, p. 121).

Durante as duas semanas que ficam na escola, os alunos têm aulas do componente curricular comum e aulas de agropecuária e, durante o tempo em que os alunos ficam na comunidade, praticam tudo o que foi aprendido na escola com o acompanhamento dos monitores. As ferramentas utilizadas pela pedagogia da alternância são muito mais convidativas para os jovens do que a pedagogia comum utilizada nas escolas. O aprendizado junto com a permanência com a família permite que ponham em prática o que aprenderam na escola e até que se tornem líderes da comunidade.

O contexto da pedagogia nas CFRs e as EFAs é atraente também, porque o ser humano é visto com um olhar de humanidade, fato que torna motivador o aprendizado. A escola comum não pergunta o que o estudante quer, o que sabe, aonde quer chegar, não existe a reflexão para que haja a ação - tudo acontece como sempre aconteceu. Enquanto na rede pública, empurram-se os conteúdos do ensino curricular tradicional, a pedagogia da alternância exige conhecimento das necessidades dos envolvidos no processo educativo, levando em conta os aspectos da vida social de cada estudante (ECCO; BRESOLINE, 2010).

A pedagogia da alternância também vem para mudar algo preocupante: a falta de diálogo entre pais e filhos, entre educadores e estudantes e entre escola e famílias. No geral, a inserção destes jovens nas EFAs ou CFRs melhora o diálogo entre a família e a comunidade. Isto faz com que a vida familiar fique mais saudável e os filhos sintam-se mais à vontade para dialogar com os pais sobre qualquer assunto. Este é o grande diferencial das CFR ou EFAs - a relação com as comunidades facilitando o diálogo. As escolas preocupam-se em conhecer as necessidades que a comunidade e as famílias possuem e procuram trabalhar em cima delas através do diálogo. Este diálogo essencial para a vida dos jovens traz melhorias para o quadro de necessidades da comunidade, estimulando sua permanência e até a emergência de lideranças comunitárias, como pudemos observar que acontece na Casa Familiar Rural (CFR) de Presidente Tancredo Neves (ECCO; BRESOLINE, 2010).

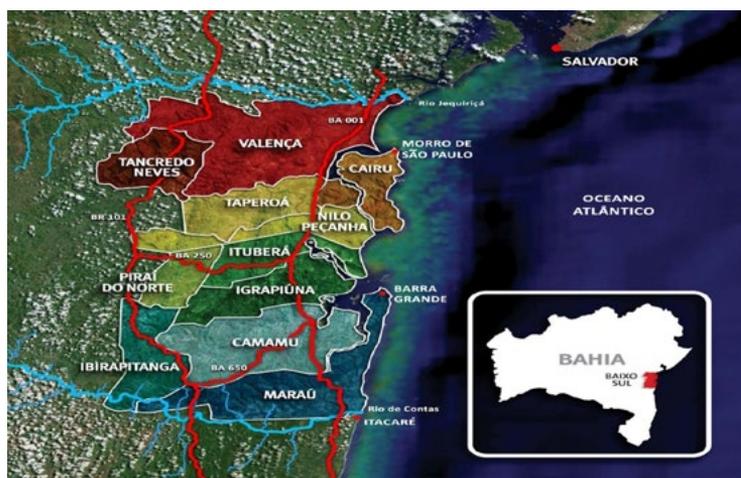
## **CASA FAMILIAR RURAL DE PRESIDENTE TANCREDO NEVES**

A Casa Familiar Rural – CFR de Presidente Tancredo Neves-Ba, situada na Fazenda Novo Horizonte, a 315 km da capital do estado (Salvador), no território de identidade do Baixo Sul/Bahia, foi criada em 2002, dois anos após a fundação da Cooperativa dos Produtores Rurais de Presidente Tancredo Neves - COOPATAN, apoiada pela prefeitura do município e a Fundação Odebrecht. Uma das primeiras fundações empresariais do país, a Fundação Odebrecht foi criada em 1965 por Norberto Odebrecht, engenheiro e empresário brasileiro de prestígio internacional, e passou a focar sua atuação nos jovens a partir de 1988, “buscando construir um futuro com eles, em vez de para eles – conceito inovador para a época. A

juventude é convidada a participar como sujeito ativo, coautor e agente multiplicador de ações sociais” (FUNDAÇÃO ODEBRECHT, 2014). Em depoimento recolhido durante a entrevista, a monitora fala que:

[...] temos uma cooperativa de produtores rurais e o auxílio que é a Casa Familiar Rural, fundada em agosto de 2002, com a intenção de formar estes jovens que vazavam para as grandes capitais para buscar recursos para sobreviverem. Então, a Fundação Odebrecht, junto com a Prefeitura Municipal, examinou e investigou esses dados, e se uniram para montar essa casa com o conselho deliberativo, que são os conselhos da casa, e os conselhos rurais. Os cooperados buscaram, junto com a Odebrecht, as pesquisas, até que chegou ao ponto de saber o que se chama de ‘a Pedagogia da Alternância’, que é o sistema que hoje trabalhamos com três turmas. Uma turma está dentro da casa, outra está pondo em prática o que aprendeu durante a semana e a outra está no sistema de estágio.

**Figura 1** - Mapa de localização da região da Casa Familiar Rural em estudo: Baixo Sul, e seu município: Tancredo Neves



Fonte: Vangemedeiros.blogspot.com

O plano pedagógico da escola prevê um curso de três anos de formação que contempla os conteúdos básicos do Ensino Médio exigidos pelo Ministério da Educação, ao mesmo tempo em que introduz um ensino técnico baseado nas necessidades da comunidade. Dessa forma, as alternâncias são construídas a partir de temas centrais, como fruticultura, mandicultura, estudo dos solos, horticultura, entre outros. Em maio de 2009, o Conselho Estadual de Educação da Bahia reconheceu formalmente o Curso de Educação Profissional Técnico em Agropecuária como integrante da grade curricular do nível médio da CFR.

O processo seletivo dos futuros estudantes da CFR começou nas escolas de ensino Fundamental II e nas associações de moradores dos municípios circunvizinhos. O requisito necessário para o ingresso dos jovens na Casa é que sejam filhos de agricultores familiares

e tenham concluído a oitava série, pois é uma escola para formação de jovens entre 14 e 24 anos. Os monitores entregam as fichas de inscrição, depois analisam o perfil das famílias e os selecionados passam por uma prova de português, matemática e conhecimentos básicos.

São um total de 10 monitores que anualmente selecionam 3 turmas de 30 estudantes, as quais irão se alternar de tal forma que, na escola, tomando aula, só fica uma turma de cada vez, seguindo um processo de ensino-aprendizagem contínuo com o seguinte itinerário: Comunidade-Escola-Comunidade. Assim, cada turma passa uma semana na escola aprendendo tudo sobre solo e duas semanas nas suas casas, para trabalharem nos seus projetos com a supervisão dos monitores, os quais fazem visitas regulares a esses jovens. Segundo nos explicou a monitora:

[...] eles vêm e cursam a nossa realidade, voltam para casa e, quando retornam, eles vão estar com a nossa realidade, na Nossa Terra Solo. Nesse caso, na alternância da Nossa Terra Solo, quando eles estão na escola, eles vão aprender tudo sobre solos durante uma semana com aulas teóricas em sala de aula, e com aulas práticas no campo [...] nessas aulas, estarão estudando Português, Matemática, Artes, Educação Física, Informática e todas as outras disciplinas. E o que a gente faz? A gente procura contextualizar as disciplinas com assuntos da Alternância - por exemplo, o professor de Química, ele já pega e fala sobre questões da reação química, o professor de Biologia pode falar dos microrganismos que tem no solo. Então vão associando o assunto da base nacional comum com o da base técnica.

Cada jovem representa a unidade familiar, na qual eles não trabalham sozinhos, pois precisam da família para a execução do projeto no campo, como observamos no depoimento da monitora: “[...] na semana da partilha, os monitores responsáveis chamam os alunos para verificarem se as atividades estão sendo realizadas. Os alunos partilham as atividades quando voltam para a CFR, como foram essas duas semanas, a alternância e o que vai ser estudado”.

De acordo com a monitora, cada turma é atendida por dois monitores que realmente assistem os estudantes: cuidam deles como se fossem pais e mães, acompanhando-os desde que acordam até quando terminam as atividades do dia. Eles tomam café, almoçam e jantam junto com os jovens. Não utilizam o nome de professor, porque, enquanto o professor vai embora após ministrar sua aula, eles convivem com os estudantes as vinte quatro horas do dia. Um estudante expressa assim sua gratidão para com os monitores:

Os monitores são como se fossem nossos pais e mãe. Tem momentos que a gente fica meio isolado. Eu já passei por muitos momentos aqui, que Jilci fala: “vamos conversar, senta aqui”. Me dá as soluções, tipo como se fosse a minha mãe mesmo. Aí eu pego as dicas que ela me dá, ponho em prática e dão certo.

A visita ao campo permitiu-nos observar que a CFR dispõe de uma excelente estrutura física, com cobertura de dois laboratórios, um de informática e outro de análise de solo, o qual recebe amostras e faz análises para diversas regiões da Bahia; salas de aula bem

equipadas para os alunos, um auditório e uma biblioteca bem ampla, refeitório e sala de administração. Os alojamentos masculino e feminino estão separados e são restritos a cada sexo e assistidos por monitores.

Diferentemente das escolas da rede pública, as quais não contam com uma formação específica, os estudantes têm aulas práticas no laboratório, onde é feita a análise do solo, e também aulas teóricas com o professor especialista em Agropecuária. Segundo explica o professor:

O laboratório do solo da CFR está implantado há três anos, extrapolando a região com amplitude muito grande, e tem contribuído muito com as aulas práticas, onde fazemos recomendações de adubação chegando a mil e quinhentas amostras por ano. A partir disso, o aluno tem a possibilidade de melhor interpretar o resultado de análise do solo e fazer as suas recomendações. Baseado nesse aspecto, ministram palestras nas suas comunidades de assuntos relacionados com o que interpretarem de melhor sobre a Química do solo.

Os jovens da CFR têm a obrigação de desenvolver na comunidade o que aprenderam com as aulas práticas e teóricas. Através deles, a comunidade vai também aprender técnicas de plantio para alcançar um bom desenvolvimento e multiplicar a produção, porque nem todas as pessoas da comunidade têm a oportunidade de aprender na CFR. Além do mais, como requisito para sua graduação, os estudantes têm que realizar um total de nove seminários - três por ano - na comunidade, segundo orientações dos monitores e do professor de agronomia. Nesses seminários, a comunidade passa a conhecer as técnicas com as quais a CFR trabalha e aprende a fazer adubação, calagem e coleta do solo e manejo adequado da cultura, assim como a conhecer os problemas que o manejo incorreto pode causar no meio agrícola, inclusive na renda econômica. Dessa forma, os estudantes envolvem a comunidade no seu processo de formação. Segundo depoimento de um dos estudantes: “Eu aprendo com meus colegas, eles aprendem comigo, e a gente faz uma soma juntos para que haja um bom futuro na vida de cada um. Para quem era discriminado na comunidade, hoje sou convidado a fazer palestras”.

De acordo com alguns jovens, logo quando a CFR começou a funcionar e absorver estudantes, algumas famílias desacreditavam do trabalho que poderia ser realizado, e muitos sofreram preconceito por parte da comunidade e da família, como pode ser observado no seguinte depoimento recolhido na entrevista grupal com os jovens:

Aproveitei a oportunidade, me inscrevi, passei na primeira etapa e as pessoas ficavam me vaiando. Hoje eu estou conseguindo conquistar minha família aos poucos, e a minha comunidade também. Minha roça de banana de dois hectares que eu implantei está servindo de referência na minha comunidade.

A monitora relatou que, na CFR, formam-se empresários rurais que entendem que a roça deles é a empresa deles. Por isso, acrescentou que é preciso saber quanto se está investindo por planta, quanto cada planta vai resultar para ele e quanto, no total, ele vai ter de receita. Uma novidade com a qual nos deparamos no trabalho de campo é descobrir que a CFR, à

diferença das demais escolas de família agrícola do Brasil, pautadas na teologia da libertação e na pedagogia do oprimido, possui uma filosofia própria, baseada em valores consolidados na Tecnologia Empresarial Odebrecht-TEO, filosofia de Norberto Odebrecht centrada na educação e no trabalho com uma visão empresarial que incentiva o empreendedorismo e valoriza a disposição para servir e a capacidade e desejo de evoluir na procura tanto das riquezas materiais quanto morais. Segundo depoimento da monitora entrevistada:

Também a gente trabalha muito com eles a questão dos valores, porque não adianta esses jovens que vivem aqui aprenderem a parte técnica e depois sair um jovem arrogante, que não sabe tratar as pessoas e não sabe lidar com a sociedade. A riqueza material tem que estar junto com a riqueza moral.

Os resultados da educação inspirada na filosofia da TEO são vivenciados pelos estudantes de forma imediata, conforme podemos observar nos depoimentos relatados por eles:

Tenho 19 anos, estou no terceiro ano, e a vida da gente muda completamente quando a gente entra aqui. Socialmente, psicologicamente, em todos os sentidos. Por quê? A gente passa a ter novos convívios com novas pessoas, passa a ter novos momentos, passa a ter novos conhecimentos, passa a interagir mais e também passa a saber tomar decisões.

Você tira um jovem da cidade que não conhece de agricultura, não sabia o que era um projeto, e a Casa Família Rural me influenciou a ter um projeto de vida, os valores morais, éticos. Quem vai ser um empresário vai aprender a desenvolver toda a comunidade. Crescer junto com a Casa já é uma satisfação grande, tanto pra a Casa quanto pra mim.

Os jovens da CFR tinham o sonho, surgido desde a primeira turma de 2003, de ter uma área de terra maior para plantar. Como as famílias de muitos deles carecem de propriedades grandes para fazerem as plantações e produzirem, a administração da Fundação Odebrecht conseguiu um fundo para adquirir uma propriedade negociada por trezentos e quarenta e cinco mil reais, a qual os jovens levarão, em média, 20 anos para pagar. Com este terreno, denominado de “Condomínio” - porque é cultivado coletivamente - os jovens produzem quantidades suficientes para pagar as parcelas e obter lucros, tendo subsídios de até 40% de desconto se pagarem as parcelas em dia. Assim, a CFR de Presidente Tancredo Neves ajuda no desenvolvimento de jovens empresários rurais, estimulando o empreendedorismo na agricultura familiar das comunidades nas quais estão inseridos, ao mesmo tempo em que promove o agronegócio, valorizando a capacidade e potencialidade dos estudantes:

Hoje a gente vê a diferença de cada um, de quando entramos e de hoje como estamos. Aqui somos como se fôssemos uma família, agradeço muito a Deus pela oportunidade da Casa ter me feito essa transformação. Porque somos jovens que vêm de uma família pequena, assim como os demais colegas. Não tinha nada, nem uma perspectiva de vida, hoje tenho um hectare de aipim, que está sendo entregue à cooperativa. Estou implantando dois hectares de banana e mais um de abacaxi.

A cooperativa COOPETAN, criada por iniciativa da associação de agricultores familiares do município em 2000 e que agrega hoje 205 cooperados, entra na parte estratégica da comercialização dos produtos entregues pelos estudantes, fechando de forma empresarial o ciclo da alternância: os produtos são comprados pela cooperativa, esta escoou a produção tanto dos estudantes quanto dos cooperados da comunidade; após passarem por um controle de qualidade estabelecido pela própria cooperativa, são revendidos para as redes de supermercados da Wall Mart, Todo Dia, Hiper Bompreço, Ebal e GBarbosa. Os jovens ganham bolsas do Projeto Agroecologia Integrada e Sustentável (PAIS) para realizarem projetos como horticultura e diversas plantações como: banana-da-terra, aipim, mandioca e abacaxi, projetos que vão criar uma receita de até dez mil reais por estudante.

## **BALANÇO E PERSPECTIVAS**

O campo sempre foi visto como um lugar atrasado e de pouca estima educativa, fato que incentiva a evasão escolar e, de certa forma, como consequência, o desejo dos jovens de emigrar para os centros urbanos, tidos como espaços mais privilegiados para a formação profissional e o acesso ao mercado de trabalho. Perante esta problemática, surgiu a necessidade de rever a pedagogia utilizada pelas escolas do campo e, nesse contexto, foi desenvolvida a pedagogia da alternância, unindo as técnicas agrícolas às disciplinas da base curricular comum, uma junção adotada pela CFR de Tancredo Neves, a qual vem fazendo um exitoso trabalho no município e circunvizinhanças, ao colocar em destaque o papel da agricultura familiar no Brasil.

A CFR de Tancredo Neves-Ba tem proporcionado à vida dos jovens alunos uma transformação social e econômica, evitando o grande fluxo do êxodo rural e estimulando uma educação no campo e para o campo através de cooperativismo entre todos os agentes envolvidos. Os jovens da CFR, mediante uma formação que os prepara de imediato para a prática dos conhecimentos adquiridos, tanto técnicos quanto de valores éticos, sentem-se realizados como pessoas integrantes de uma comunidade rural e como profissionais, assim que ingressam na escola.

A contribuição da CFR para o município de Presidente Tancredo Neves, surgida da parceria entre os cooperados da COOPATAN, a prefeitura municipal e a Fundação Odebrecht, faz-nos entender a necessidade de trabalhar em rede – como apontam Souza (2012) e Abromavay (2003) – no tripé sociedade civil organizada/poder local/mercado, tão propagadamente necessário para o desenvolvimento local.

Destacamos a raridade do caso em estudo por envolver o mercado representado pelo setor empresarial da Odebrecht, uma vez que, dificilmente, o mercado estabelece parcerias com a sociedade civil organizada em ações educativas tão diretas em prol da comunidade local. A filosofia da Tecnologia Empresarial Odebrecht-TEO norteia a pedagogia da alternância da CFR de Tancredo Neves com o intuito de formar jovens empresários rurais, multiplicadores do desenvolvimento local das comunidades de agricultores familiares nas que estão inseridos, garantindo a comercialização dos produtos – o grande entrave da agricultura familiar –

através da cooperativa COOPATAN, formada pelas famílias destes jovens com o apoio da Fundação Odebrecht.

Por fim, concluímos que o trabalho permitiu-nos conhecer uma metodologia de ensino diferenciada, a qual nos comoveu pelo seu empenho na educação para a vida – o saber ler o mundo de Paulo Freire. Por isso que consideramos a pedagogia da alternância imprescindível, não somente para os jovens no campo, mas para o processo educativo de crianças, jovens e adultos - todos precisam de um aprendizado para a vida, evidenciando o quanto o conhecimento surge da observação analítica e crítica do mundo vivido, recuperando a práxis como a base da teoria num ciclo em que ambas se retroalimentam na procura da transformação social de “outro mundo possível”. Esse outro mundo possível que queremos conhecer em futuras pesquisas, mediante observação participante com as comunidades rurais das famílias dos jovens formados pela CFR de Tancredo Neves.

## NOTA

1 Submetido à RIGS em: mar. 2015. Aceito para publicação: dez. 2016.

## REFERÊNCIAS

ABROMAVAY, Ricardo. Desenvolver os territórios fortalecendo o empreendedorismo de pequeno porte. FÓRUM INTERNACIONAL TERRITÓRIO, DESENVOLVIMENTO RURAL E DEMOCRACIA. Fortaleza 2003.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Celta Editora, 2007.

ANDRADE, Gilmar dos Santos; ANDRADE, Edjane de Souza. Historiando a Pedagogia da Alternância e a Escola Família Agrícola do Sertão da Bahia. **Revista Eletrônica de Culturas e Educação**. v. 2, n. 6, p. 61-72, set./dez. 2012.

CORDEIRO, Georgina N. K; REIS, Neila da Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. **Revista Eletrônica Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011.

ECCO, Idamir; BRESOLINE, Paoline. Pedagogia da Alternância e Casa Familiar Rural Agroflorestal Alto Uruguai: uma prática de Interações, Saberes e Aprendizagem. RS, maio 2010. [www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\\_010/artigos/artigos\\_vivencias\\_10/p8.htm](http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_010/artigos/artigos_vivencias_10/p8.htm). Acesso em: 12 ago. 2014.

FUNDAÇÃO ODEBRECHT, [www.fundacaoodebrecht.org.br/](http://www.fundacaoodebrecht.org.br/). Acesso em: 14 out. 2014.

LIMA, Adriene Viana. Educação do Campo e Pedagogia da Alternância: Algumas considerações metodológicas. **Revista Eletrônica de Culturas e Educação**. v. 2, n. 6, p. 46-60, set./dez. 2012.

PINTO, Manuela Pereira de Almeida; GERMANI, Guiomar Inez. Escola família Agrícola: Um Modelo Autogestionário? ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. 21. **Anais...** Universidade de Uberlândia –MG, 15-19 de outubro de 2012.

\_\_\_\_\_. O território da educação do Campo: As Escolas família agrícola. REENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. **Anais...** Peru, 2013.

PRETTO, J.M. Amplitude e restrições ao acesso de PRONAF investimento no Rio Grande do Sul – um estudo de três operações de financiamento envolvendo cooperativas de crédito rural, cooperativas de produção agropecuária e o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. 2005. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Rural – Programa 62 de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2005.

SANTANA, Valdir Rocha. **A priorização da produção de beiju na comunidade da Boa Vista em Santo Antônio de Jesus-BA.** Monografia - Graduação em Geografia, Universidade do Estado da Bahia-UNEB/Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2016.

SANTOS, Diana Anunciação; CARDEL, Lídia Maria Pires Soares. Educação Rural e as Contradições do Sistema de Ensino: O caso da Escola Família Agrícola do Sertão. **Educação em Revista**, Marília, v. 12, n. 2, p. 41-58, jul./dez. 2011.

SANTOS, Tainá Oliveira. **O cacau de Mutuípe/BA e a relação campo-cidade.** Monografia – Graduação em Geografia, Universidade do Estado da Bahia- UNEB/Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2016.

SOUZA, Maria Antônio de. **Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WANDERLEY, Nazareth Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO (Org.) **Agricultura familiar: realidades e perspectivas.** Passo Fundo- RS: UPF, 2001.

**Claudineia de Jesus Santos**

Estudante no curso de Geografia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia/UNEB Campus V, em Santo Antônio de Jesus. Trabalha na prefeitura do mesmo município.

**Jaqueline Jesus dos Santos**

Estudante no curso de Geografia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia/UNEB Campus V, em Santo Antônio de Jesus. Trabalha na feira do mesmo município.

**Josias Araújo  
Barbosa**

Estudante no Curso de Geografia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia/UNEB Campus V, em Santo Antônio de Jesus. Trabalha como policial no mesmo município.

**Rocio Castro  
Kustner**

Doutora em Antropologia Social sobre América Latina pela Universidade Complutense de Madrid, professora adjunta no Curso de Geografia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia/UNEB Campus V, em Santo Antônio de Jesus, e pesquisadora em temas sobre desenvolvimento local.